

Resumo / abstract

A LOUCURA NA TERCEIRA MARGEM DO RIO

Este trabalho pretende analisar o conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa, destacando as perturbações geradas na família e na comunidade depois que o personagem “pai” toma uma resolução vista por todos como incoerente e insensata. Para isso serão analisados alguns aspectos da loucura e como ela se articula com o texto de Guimarães.

Palavras chaves: loucura; conflito; literatura

MADNESS IN THIRD BANK RIVER

This paper analyzes the short story "The third bank of the river" by João Guimarães Rosa, highlighting the disturbances generated in the family and in the community after the character "father" takes a resolution seen by all as incoherent and senseless. For it will be analyzed some aspects of madness and how it interacts with the text of Guimarães.

Keywords: Madness; conflict; literature

A LOUCURA NA TERCEIRA MARGEM DO RIO

Valéria Fernanda da Silva

Graduando no curso de licenciatura Letras Português pela Universidade de Brasília, Brasília/DF
valeriafernandas@hotmail.com

Em 1908, alguns anos antes do momento histórico mais significativo na arte brasileira, a semana de arte moderna, que significou uma mudança estética, formal e de conteúdo no cenário artístico de nosso Brasil republicano, nasce João Guimarães Rosa. Artista regionalista que causará grande impacto com seu famoso romance *Grande Sertão, Veredas*, no qual o regionalismo sofre uma grande transformação ao expor os conflitos do homem do sertão. As relações entre o eu e o mundo é explorada e investigada em seus romances. O conto, objeto de análise neste trabalho, encontra-se no seu livro *Primeiras Estórias*. Os contos dessa obra tematizam as questões envolvidas na existência humana. O escritor procura apresentar a linguagem presente nas falas do sertão mineiro e através das personagens aborda diversos aspectos da existência humana, a psicológica, a fantástica, a satírica etc. Essas personagens vivem situações que extrapolam o limite da normalidade e são expostos a conflitos psicossociais iminentes. Sete dos vinte um contos do livro tratam da loucura como temática principal.

Guimarães escreveu obras regionalistas que buscam alcançar o âmago mais profundo da alma do homem do sertão, atingindo assim através dessas figuras as perturbações e divergências mais íntimas do ser humano. No presente ensaio analisaremos o conto “A terceira margem do rio”. No enredo, as linhas tênues entre a razão e a loucura são acentuadas à medida que são narrados os conflitos e os desencontros de um pai que empreende uma ação que vai de encontro com as normas sociais bem como problematiza as formas de enfrentamento pelos familiares e conhecidos desse personagem.

Alguns aspectos sobre loucura e razão

A loucura tem sido um aspecto profundamente incorporado na literatura do ocidente desde a idade média sendo esse um dos principais temas das representações culturais. A loucura é ambígua e contraditória e refuta qualquer explicação do mundo através de um conhecimento seguro e incontestável. A loucura busca a incompreensão e desmitifica qualquer certeza quanto à existência do homem ou do significado da vida e do mundo. O louco rejeita o discurso do certo e errado, do coerente e absurdo. Mais do que pretensamente buscar enxergar além da realidade, expõe suas brechas e incompletudes. O louco mostra com seu riso o caráter problemático e fragmentário da existência caótica e desordenada do ser. Habitar e encontrar

seu lugar no mundo é um discurso incompreensível para o louco. A inquietude do fracasso da razão em explicar irrefutavelmente o real gera um conforto na loucura.

Os loucos são o feliz clarão que expõe as fragilidades das pretensiosas resoluções e asserções humanas. Com sua volubilidade e insegurança mostram que a aventura da existência não é mais do que uma composição de “sortes” dentro de uma grande nau de azarentos, como diz Pelbart “Os loucos, na sua fragilidade e inconsistência, com sua origem turva e nebulosa, num processo constante de reconstrução a partir dos destroços anteriores, também precisa, para sustentar-se, de muita engenhosidade, acaso e amiúde uma boa torcida desejante”. (PELBART, 1993, p. 31) A razão, no entanto, procura explicar a realidade a partir de regras e padrões formulados a partir da lógica e do raciocínio.

A loucura apresenta-se no imaginário da Europa medieval por volta do século XV, ocupando o lugar de marginalização social dados aos leprosos até então. Há uma grande inquietude resultante desses “novos” personagens que desdenhavam da existência humana e da própria morte. Neste momento histórico surgem os primeiros hospitais psiquiátricos designados a asilarem os loucos. E é neste contexto de intensa mobilidade do real, numa Europa mercantilista, que a loucura povoa as ruas e as mentes dos indivíduos ainda mais atormentados pelas contradições e desilusões da vida inconstante de um mundo em profundas transformações. Interessante observar que a loucura perturba por expor o homem em geral e não somente àquele que possui a patologia, Pelbart esclarece isso em sua fala “O essencial é que a loucura do louco passou a ser considerada como a loucura do homem em geral. E isso em dois sentidos. Por um lado a loucura começou a ser pensada como involução a um estágio precoce da civilização e do indivíduo (...) em que sua maldade aparecia à luz do dia. Por outro lado, e ao mesmo tempo, estágio terminal: a loucura seria o resultado dos males e excessos da civilização, seu fruto degenerado”. (PELBART, 1993, p. 46).

Outro aspecto fundamental a se ressaltar é destacado por Foucault quando ele relata a história de certo abade Bargedé que foi internado num manicômio acusado de insanidade por ter como ocupação o empréstimo de dinheiro a juros altos, “enriquecendo - se com as usuras mais odiosas e mais ultrajantes para a honra do sacerdócio e da Igreja”. Como não conseguiram convencê-lo de que aquela atitude era errada, concluíram sua insanidade. “Bargedé é insano, não porque perdeu o uso da razão, mas porque ele, homem da Igreja, pratica a usura, não dando mostras de nenhuma caridade e não sentindo remorsos; porque caiu à margem da ordem moral que lhe é própria. Nesse julgamento o que transparece não é a impotência de baixar um decreto de doença, tampouco uma tendência para condenar moralmente a loucura, mas sim o fato, essencial sem dúvida para compreender-se a era clássica, de que a loucura torna-se perceptível, para ela, na forma da ética.” (FOUCAULT, 1972, p. 152). Outro caso também destacado por Foucault expõe que são considerados “loucos”, aqueles que subvertem as instituições racionalistas e a ordem social. Trata-se da internação de uma mulher que expõe suas idéias, sobre o casamento, contrárias as concepções da época sobre esta instituição. “E, no entanto, d'Argenson não está muito longe de fazer com que seja tratada como os outros insanos: ‘Ouvindo tantas impertinências, estava inclinado a acreditá-la uma louca’. Estamos na trilha daquilo que o século XIX chamará de ‘loucura moral’; mas ainda mais importante é que se vê surgir aqui o tema de uma loucura que repousa inteiramente sobre uma má vontade, sobre um *erro ético*.” (FOUCAULT, 1972, p.153)

Interessante as considerações de Hegel apresentadas por Pelbart sobre não ser a loucura definida como ausência de razão “nem seu oposto, mas simplesmente como uma relação interior a razão” sendo que a alienação mental é a contradição na “razão que ainda existe”. Pelbart na tentativa de determinar o que é a sanidade acrescenta “são é aquele cuja consciência ordena seu universo sensitivo, ideativo e volitivo numa totalidade hierarquizada e coerente. Sanidade significa ordem, hierarquia, totalização, supremacia organizativa da consciência individual, do ‘gênio’. A loucura sobrevém quando esta hierarquia é subvertida, quando a

consciência perde o controle sobre essa totalidade, quando um dos elementos particulares foge à subordinação original. A contradição se dá entre o particular e o universal” (PELBART, 1989, p. 47) Esse “todo organizado” seria internalizado pela vida social, sendo a loucura uma ruptura e insubordinação a esse sistema totalitário.

Conforme observaremos na análise do conto, a resolução do pai desencadeia uma incompreensão na comunidade em que vive, resultando em especulações sobre sua saúde mental, segundo Pelbart “A loucura se instaura quando uma determinação particular se fixa em si mesma e escapa ao seu lugar no sistema, conquistando sua independência em relação à totalidade ordenada. A contradição que marca a loucura está entre a consciência e uma de suas representações. Na loucura o sujeito fica preso a uma particularidade de seu sentimento de si sem conseguir ultrapassá-lo – isto é, sem conseguir fazê-lo aceder a ‘idealidade’ da consciência intelectual e assim integrá-lo ao sistema” (PELBART, 1989, p. 48)

Na análise de Pelbart, ele ressalta os comentários que Hegel fez a respeito da dualidade presente na consciência dos loucos. Coexistem no louco um lado de sua consciência racional e uma percepção objetiva da realidade, e outro lado incompatível que com a sanidade que crê em suas “fantasmagorias”. Pelbart acrescenta “Convivem lado a lado uma personalidade de vigília – objetiva, aquela que o louco compartilha com o são – e uma personalidade de sonho desperto. ‘As duas personalidades não constituem dois estados, mas estão as duas num só e mesmo estado, de forma que estas duas personalidades que se negam uma à outra se trocam e se contradizem uma à outra’. Por conseguinte, conclui Hegel, ‘na loucura o sujeito permanece em si mesmo na sua negação, isto é, sua consciência contém imediatamente sua própria negação’”. (PELBART, 1989, p. 49).

Assim, a partir dos conflitos e incoerências de si próprio, o ser humano atinge a excelência e elevação. Esse caos faz-se necessário para as grandes transformações e evoluções da existência do homem. A loucura faz assim parte da dimensão do que constitui o homem. “A loucura não deixa de ser o Outro da Razão, mas um outro que lhe é interior, e que por isso não mais a ameaça como uma alteridade radical – ao contrário, em certo sentido a caracteriza. A loucura não está além dos limites da condição humana, apenas os desloca” (PELBART, 1989, p. 53)

O desatino do pai

O título do conto “A terceira margem do rio” já intriga o leitor com a imagem que propõe. O que seria afinal esse rio e que terceira margem é essa?

Os personagens do conto não possuem nomes próprios. Há os substantivos que remetem a uma significação generalizada e indefinida: a mãe, o pai, o filho, a irmã etc. Com isso, parece que elas se referem a todo mundo, aos indivíduos em geral. Há uma generalização e universalização das figuras a partir de suas relações familiares. O cenário onde ocorrem os fatos que são narrados oscila entre o rio e a casa que ficava perto dele. O narrador personagem é um dos três filhos de uma família. Ele começa o enredo relatando o caráter essencial do pai, homem cumpridor, ordeiro e positivo, segundo o testemunho de pessoas sensatas que o conheciam desde menino. Apesar do jeito quieto, aquele homem não parecia, segundo o narrador, nem mais feliz nem mais triste do que os outros homens. Seu papel na família fica meio vago quando o filho aponta a mãe como a responsável pelos comandos da vida na família, era ela quem regia e cuidava dos filhos. Nesse contexto, de uma aparente harmonização familiar, o pai decide encomendar a fabricação de uma canoa. Sem dar nenhuma explicação sobre o motivo da encomenda, escolhe o melhor material para que ela seja durável, e, quando a canoa finalmente fica pronta, despede-se da família, entra no rio e permanece navegando rio adentro, sem tomar rumo nenhum. No conto, o rio “grande, fundo,

calado que sempre, largo de não se poder ver a forma da outra beira”¹ atrai o pai de tal maneira que ele se priva da convivência familiar para, contra o senso de toda aquela gente sensata, ir-se “rio acima, rio abaixo, rio adentro”¹. Procuraria esse homem algo que somente a insensatez poderia alcançar?

A leitura do conto “A terceira margem do rio” nos coloca em contato com os limites desse homem que, ao escolher uma vida incompatível com o conceito do que é normal segundo o julgamento da racionalidade enfrenta a intolerância quase total por parte das pessoas, inclusive de sua família. O filho, narrador personagem, inicia o conto buscando compreender as razões que levam o pai a decidir “um adeus para agente”¹. O pai resolveu “á sério” que a partir daquele instante passaria o resto de sua vida entre as duas margens, navegando naquele rio sem direção ou destino, numa espécie de não - lugar. O pai desafia toda a ordem do sistema social presente na pequena comunidade em que estava inserido, que se resumia a constituir uma família, trabalhar, cuidar da “fazenda” e dos “negócios” e levar uma vida cotidiana e regular. Quando decide sair daquela ordem predeterminada das coisas, ele causa um grande mal-estar não somente na família, mas também entre os moradores dos arredores. Sua escolha impressiona os vizinhos e desarticula os pensamentos de todos que conviviam com ele como fica claro na fala do narrador “os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho”¹. A resolução do pai confirma tudo que ele se mostrou ser desde criança, um sujeito conformado com a rotina banal e os rumos da sua vida. O filho ao investigar o porquê da atitude do pai fala dessa sua postura passiva. Afirma que todas as diversas pessoas sensatas que o conheciam desde mocinho testemunharam que ele era “homem cumpridor, ordeiro e positivo”¹. Diante de conflitos com os quais ele já não sabia lidar no plano real, esse homem, que seguia o arranjo natural das coisas e da vida resolve ir-se, não para longe nem para sempre, mas para ao lado, à margem de tudo aquilo. Ele contesta o estado engessado das relações humanas bem como a continuidade e a linearidade do mundo. Sua atitude questiona a racionalidade imposta pelo outro e elabora uma crise interna e externa. O que alguns consideravam “doideira” gera questionamentos para o filho e para a família e, sobretudo, origina um conflito estrutural na família e na forma como todos conduziam suas vidas naquela pequena comunidade na beira do rio.

Racionalidade e adequação social eram o que se esperava de um homem que durante toda a vida havia sido como todos os outros homens ao seu redor. Diante do rio “grande, fundo, calado que sempre. Largo de não se poder ver a forma da outra beira”¹ o pai submerge na transgressão, “permanecendo naqueles espaços do rio”¹. E essa atitude extraordinária desenvolve em toda aquela gente um sentimento de incompreensão, “a estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente”¹. A família viu-se obrigada a habituar-se a uma situação alheia à prudência e ao ordenamento a que estavam acostumados “A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade”¹. O ato insano do pai reordena o sistema de organização da família e provoca desconforto e inquietação nas pessoas. Algumas julgam – no louco outras acham que é promessa, “todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele.”¹

Aparentemente, sem nenhum motivo o pai abandonou a vida tradicionalmente equilibrada por uma ordem social, ao mesmo tempo, rígida e frágil para permanecer num estado desequilibrado e contínuo de isolamento, silêncio e incerteza em que nada se espera nem se exige. Segundo Perrone Moisés (2002), o isolamento é uma característica da psicose e remete a idéia de que atitudes fora do comum precisam estar separadas e apartadas para o bem

dos outros membros da sociedade. “Separar-se do mundo, cessar a comunicação com os outros, caracterizaria a psicose. Mais uma vez, a partida num barco remete à arquetípica “Nau dos loucos”. A interpretação da comunidade é variada: “doideira”, promessa ou lepra. A suspeita de lepra nos remete à analogia histórica da exclusão dos loucos com a dos leprosos”. (p. 214) A reação das pessoas, tanto os vizinhos quanto a família, revela resistência na aceitação do que foge às explicações racionais. Uma ação incoerente gera incompreensão e rejeição, não podiam aceitar a idéia de que o pai tinha enlouquecido “Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos.”¹ Sua permanência entre as duas margens e esse estado de navegar “rio abaixo rio acima”¹ sem ir-se para sempre, provoca em todos reflexões, em especial em seu filho que obsessivamente não se conforma com a atitude indecifrável do pai. Apesar das diversas tentativas o pai, certo de sua incumbência e deliberação, não se rende a nenhum discurso de convencimento nem mesmo dos familiares “Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.”¹ Nem mesmo a filha carregando o neto nos braços o fez mudar de ideia “Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.”¹ O pai estava certo e convicto quanto a sua proposição e disposto a cumpri-la de qualquer maneira, mesmo que a razão não corroborasse com suas ações. Assim, é no silêncio que ele mais diz. As vozes da insensatez, do questionamento da ordem contínua, linear e racional, das definições e predeterminação das ações do sujeito, ecoam nos inconscientes das pessoas ao se redor. Perrone Moisés (2002) diz: “O que nos maravilha são as formulações desse saber, num discurso que não é teórico, nem expletivo, mas cifrado de tal maneira que ele atinge o inconsciente dos leitores como uma verdade, um pavor e um sofrimento de todos.” (p. 215) Segundo a autora, o conto provoca e perturba o inconsciente dos leitores além de desenvolver nestes indagações sobre o inusitado e o inominável. A terceira margem de nós mesmo é transfigurada nessa imagem do pai e do filho, que retratam tão bem a condição humana e suas contradições. Transgredir para evoluir, segundo Pessoa é isso que nos torna diferente dos animais a nossa capacidade de transformar e ir além “Sem a loucura o que é o homem/ mais do que a besta sadia/ Cadáver adiado que procria?” (Mensagem - Fernando Pessoa)

O rompimento com a sociedade não era total. O pai queria permanecer ali perto da família e da comunidade como reafirmação da sua resolução segundo Perrone Moisés (2002, p. 214): “A personagem não rompe totalmente com o mundo dos outros homens, não se define entre a razão e a loucura, e é justamente essa indecisão que faz a força do conto como saber do inconsciente. O ato inexplicável e a visibilidade intermitente do pai são sinais misteriosos dirigidos à família, em particular ao filho, que reage à situação com um crescente sentimento de culpa.” Havia no pai uma atração pelo indefinível e inconcebível e isso está além da compreensão da sociedade. As negativas também são de extrema relevância “Nosso pai não dizia nada” “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte”.¹ *Não, nada, nenhuma* trazem um valor semântico de negação bem como de ausência.

A obsessão do filho

O filho aturdido com a resolução do pai pede pra que o leve junto com ele, sem saber os motivos do pai nem pra onde aquela canoa o levaria. Para o filho, aquele homem era símbolo do cuidado e proteção que se constituem necessidades do filho. Porém, essa proteção veio às avessas, uma vez que era o filho quem ajudava o pai fornecendo mantimentos essenciais para sua sobrevivência. E foi ele quem ficou ali na casa perto do rio enquanto a vida seguia seu curso. O filho envelheceu ao “lado do pai”, sem constituir sua própria família, nem viver sua própria vida. O que mais desejava era entender os motivos que levaram o pai a agir de uma maneira tão insensata, tão fora dos padrões sociais exigidos de um pai de família.

Diante da ausência da figura paterna, a mãe tomava conta dos provimentos para os filhos e cuidava dos negócios da família “Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos.”¹ O filho, bem como toda a família, não queria falar sobre o pai pra que a dor da ausência não aumentasse num contexto daquela ação que parecia descaso e falta de amor e de afeto. Uma situação incompreensível e incoerente que fez com que a filha e os outros membros da família se mudassem dali para longe, ficando somente aquele filho, aturdido com uma culpa que ele não sabia de onde vinha. Esse filho narrador permaneceu e envelheceu as margens da decisão do pai. Ouvindo o silêncio do que não se dizia, mas que se fazia presente e constante “Aquilo que não havia, acontecia”.¹ O filho fica preso a imagem do pai, quase como uma sina. Abre mão de suas próprias escolhas bem como da vida que poderia ter tido. “Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. .Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito.”¹ Uma culpa neurótica guia sua atitude também irracional de ficar ali paralisado diante desse pai inacessível “De que é que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo”.¹ E assim o filho permanecia, sofria e agonizava esperando o dia em que o pai não aguentaria mais permanecer na canoa por causa dos efeitos da velhice, pois, se ele já sentia as dores da passagem dos anos imagine o pai que enfrentava de dia a dia, sol, chuva, enchentes etc. “Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração.”¹ Preocupado com sua saúde, o filho apela ao pai para que ele ocupe seu lugar na canoa. Porém, ao ver o pai regressando, o filho foge apavorado. Isso o deixa ainda mais atordoado num procedimento desatinado, tendo em vista que se oferecer para ocupar o lugar do pai já havia sido uma proposição insensata, fugir parecia ser mais insano ainda. Sou homem, depois desse falimento? Talvez seja nesse momento em que ele pela primeira vez agiu de acordo com a sua consciência e não mais estava à mercê do pai. A partir desse falimento, ele se tornou sujeito da sua própria história e castrou essa relação obsessiva com o pai. Seu desejo é fazer sua própria história “Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.”¹

A saída do pai “rio a dentro” causa uma crise familiar. Conforme observamos, o filho inicia uma trajetória de questionamentos e perdimentos. A mãe é descrita no conto como “quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu.”¹ Parece haver na figura materna uma liderança familiar. Ela não concordava com a atitude do pai e de

uma forma racional expõe sua indignação “Ce vai, ocê fique, você nunca volte”¹, o marido não deu-lhe nenhuma resposta. Já antes de o pai sair do convívio com a família, é ela quem toma as decisões e cuida dos assuntos da casa, e assim continua providenciando que as tarefas da família sejam cumpridas “Mandou vir o tio nosso, o irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos.”¹ Apesar de sua personalidade mais sisuda, “nossa mãe muito não se demonstrava”, ela tomou providências no sentido de ajudar a tirar aquela idéia absurda da cabeça do marido “incumbiu o padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram dois soldados.”¹ Diante das tentativas frustradas “tudo o que não valeu de nada”¹, resolve-se ir embora com a filha. Embora, em princípio ela pareça não se sentir a falta do marido, suas atitudes demonstram uma resignação. Embora o marido não esteja mais entre eles assumindo sua posição de chefia, há um respeito a essa imagem e à sua representação familiar “Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.”¹ Com os filhos acontece esse mesmo distanciamento e conformismo lento, a medida que as tentativas de convencer o pai da insanidade de sua ação se mostram inúteis. A filha ainda intenta persuadi-lo através dos laços familiares quando carrega, em vão, o neto para que o avô o conheça. “Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.”¹ A família sente de vez a rejeição do pai que parece já não se importar com as relações de afeto e carinho “nem queria saber de nós; não tinha afeto....sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não – encontrável?”¹ Malogrados e com uma imensa tristeza, todos se vão para longe do rio, a filha, o irmão e a mãe. Já que o pai não acabava com aquele sofrimento contínuo e permanente, então, eles tomaram a resolução de ir-se de vez. “Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida.”¹

Cada membro da família percebe e sente a saída do pai de uma maneira muito particular, apesar de todos recusarem seu isolamento voluntário. Embora os conflitos e crises do filho mais velho gerados pela fuga paterna se sobressaíam em detrimento dos outros personagens, a mãe e os outros filhos afetados pela decisão do pai redirecionam suas vidas e suas decisões.¹

Referencias Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: _____. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 422 - 428.
- FOUCAULT, Michell. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 7 - 51 e 151 - 181.
- MOISES, Leyla Perrone. Para trás da serra do mim. Revista Scripta. v. 5, n. 10, Belo Horizonte, 2002, p. 210 – 217.
- REIS, Eloésio Paulo. Loucura e Literatura – Esboço de um mapa. Revista Trem das Letras. V. 1, n. 1, Minas gerais, 2012, p. 196 – 2011.

PELBART, Peter Pal. *Da clausura do fora ao fora da clausura: Loucura e desrazão*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 45 – 55 e 163 – 166.

¹ (ROSA, João Guimarães. A terceira Margem do Rio. Disponível em <http://www.releituras.com/guimarosa_margem.asp> Acesso em: 26 Julho 2013)